



A interação entre a poesia de Arnaldo Antunes e a arte infantil de Rosa Moreau Antunes no livro *As Coisas*

The Interaction between Arnaldo Antunes' Poetry and Rosa Moreau Antunes Children's Art in the Book As Coisas

Tania Yumi Tokairin

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

tantantoka@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0002-4217-7416>

Resumo: O presente artigo analisa o diálogo interartes entre a poesia e arte infantil no livro *As Coisas* (1992), criado pelo poeta paulistano Arnaldo Antunes e por sua filha Rosa Moreau Antunes, quando esta era ainda criança. Por meio da análise de alguns poemas e desenhos que integram essa obra, objetiva-se destacar que a interação entre as linguagens da palavra e da imagem constituem a força criativa da obra, formando um objeto literário e artístico singular. Nele, a leitura dos poemas e a observação das ilustrações tornam-se uma atividade agradável, divertida e educativa do ponto de vista reflexivo, por falar de assuntos cotidianos com uma sensibilidade filosófica, de uma forma aparentemente espontânea e acessível a pessoas de todas as idades. Tratar-se-á, para tanto, da questão da poesia voltada ao público infantil e jovem, e de como essa criação conjunta de Antunes e Rosa pode abarcar uma ampla faixa-etária de leitoras e leitores. A fundamentação teórico-crítica utilizada neste estudo encontra-se em especialistas da poesia e da arte infanto-juvenil, como Maria da Glória Bordini, José Paulo Paes, Edith Derdyk, Viktor Lowenfeld, entre outros, bem como em estudos acadêmicos acerca do referido livro de Arnaldo e Rosa Antunes, especialmente as dissertações de mestrado de Fabiana Carmen Carneiro (UFSC, 2011) e Jorge Normando dos Santos Filgueira (UFRN, 2010).

Palavras-chave: Arnaldo Antunes; Rosa Moreau Antunes; poesia brasileira contemporânea; arte infantil; estudos interartes.

Abstract: This article analyses the inter-art dialogue between poetry and children's art in the book *As Coisas* (1992), created by the poet from São Paulo city Arnaldo Antunes and his daughter Rosa Moreau Antunes, when she was still a child. Through the analysis of some poems and drawings that are part of this work, the objective is to highlight that the interaction between the language of the word and the image constitutes the creative force of the work, forming a unique literary and artistic object. In it, reading the poems and observing the illustrations becomes a pleasant, fun and educational activity from a

reflective point of view, by talking about every day matters with a philosophical sensitivity, apparently in a spontaneous and accessible way to people of all ages. It will therefore deal with the issue of the poetry aimed at children and young people, and how this joint creation by Antunes and Rosa can cover a wide age of readers. The theoretical-critical foundation used in this study is found in specialists in poetry and children's art, such as Maria da Glória Bordini, José Paulo Paes, Edith Derdyk, Viktor Lowenfeld, among others, as well as in academic studies about the referred book by Arnaldo and Rosa Antunes, especially the master's dissertations by Fabiana Carmen Carneiro (UFSC, 2011) and Jorge Normando dos Santos Filgueira (UFRN, 2010).

Keywords: Arnaldo Antunes; Rosa Moreau Antunes; contemporary Brazilian poetry; children's art; inter-artistic studies.

1 Introdução

O poeta e crítico literário José Paulo Paes cunhou a expressão “poesia adulto-infanto-juvenil” para se referir ao gênero literário do seu livro *É Isso Ali*, publicado na década de 1980. Como ele observa, os poemas desse referido livro poderiam ser livremente lidos por pessoas de quaisquer faixas-etárias, desde a criança já alfabetizada até os seres adultos, ou, como ele classifica, “tanto por gente pequena e gente média como por gente grande” (1984, p. 9). E por que o escritor daria essa explicação num livro voltado objetivamente para o público infantil?

Poder-se-ia se deduzir que José Paulo Paes gostaria de ampliar ainda mais o público da sua poesia infanto-juvenil ou, então, desejaria criar, de fato, uma poesia que se destinasse a todas as faixas-etárias, indiscriminadamente. Numa linguagem acessível às crianças, ele argumenta que: “O adulto que não se diverte em ser, de vez em quando, criança ou jovem novamente é um chato. Assim como a criança ou o jovem que, seguindo o exemplo daquele horrível Peter Pan, não quer nunca ser adulto, torna-se um monstrinho.” (PAES, 1984, p. 9).

Com intenção semelhante, Elias José, responsável pela seleção dos poemas de Manuel Bandeira no livro *Berimbau e Outros Poemas*, sugere no singelo texto colocado na contracapa que aquela pequena coletânea, a princípio destinada ao público infantil, “não visa apenas às crianças”, pois “amar a poesia de Manuel Bandeira não depende da faixa-etária do leitor, depende apenas da condição humana.” (In: BANDEIRA, 1994).

Seguindo-se nesse mesmo espírito de acolhimento ao leitor e à leitora, independentemente da idade que venham a ter, a escritora Cecília Meireles pode ter idealizado a sua notável obra poética *Ou Isto ou Aquilo*, pensando em agradar não apenas às crianças e adolescentes, mas também às pessoas adultas que um dia já foram pequenas e adorariam ter lido a sua poesia na infância. Lê-se na orelha da contracapa da edição de 1990: “Este livro, publicado pela primeira vez em 1964, vem encantando sucessivas gerações e agrada não só às crianças, mas também aos jovens e adultos.” (In: MEIRELES, 1990).

A partir da ideia vislumbrada por José Paulo Paes para o seu livro de “poemas adulto-infanto-juvenis” e da possibilidade de criar-se uma poesia que agrade a todas as faixas-etárias, como vez ou outra já ocorria na obra de Manuel Bandeira e de Cecília Meireles, verifica-se que na obra de autoras e autores contemporâneos mais recentes, também podem haver demonstrações de boa poesia “adulto-infanto-juvenil”. E, inclusive, sem a necessidade de que a editora determine a faixa-etária do público-leitor ao qual a publicação se dirige, como acontece em *As Coisas*, de Arnaldo Antunes.

É comum que publicações voltadas para crianças e pré-adolescentes venham com indicações por escrito, tais como: “Poemas infantis” e “Literatura infantojuvenil”, no livro *A Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes (2ª edição – 19ª reimpressão, 1991); “Literatura infanto-juvenil” e “um dos mais belos e importantes livros de poesias para crianças”, no livro *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles (5ª edição – 33ª impressão, 1990); “Literatura infanto-juvenil” e “Um menino poetando para os outros meninos do mundo”, no livro *Berimbau e Outros Poemas*, de Manuel Bandeira (2ª edição – 13ª impressão, 1994); “Literatura infanto-juvenil” e “Poemas Adulto-Infanto-Juvenis”, no livro *É Isso Ali*, de José Paulo Paes (5ª edição, 1984).

Conhecendo-se um pouco da própria trajetória artística e literária do escritor, é possível entender os porquês das suas escolhas de escrita, do seu estilo, das especificidades de sua poesia, e de como tudo isso influiu na concepção do livro *As Coisas*. Arnaldo Antunes é uma figura reconhecida por seu trabalho como compositor e vocalista da banda de pop-rock Titãs, que se destacou na cena musical jovem nos anos 1980 e 1990. Menos popular é o seu lado literário, que ele sempre manteve paralelamente à carreira musical, em uma constante atividade como escritor. Seu perfil é o do artista multimídia, capaz de incursionar por várias linguagens artísticas com desenvoltura.

Sua literatura já é reconhecida e estudada no meio acadêmico, gerando trabalhos interessantes, tais como as dissertações de mestrado utilizadas para fundamentar este artigo. Ambas são estudos acerca do livro *As Coisas*: da pesquisadora Fabiana Carmen Carneiro, intitulada *Há Muitas e Muito Poucas Palavras: a poética de Arnaldo Antunes em As Coisas* (UFSC, 2011); e de Jorge Normando dos Santos Filgueira, que fala sobre *O Poema e a Canção em As Coisas, de Arnaldo Antunes: imagens da primeiridade*, (UFRN, 2010).

Após se desligar dos Titãs, Antunes vem seguindo em carreira musical solo e, gradualmente, ganhou notoriedade no campo da poesia e das artes visuais. Considerado um dos nomes mais interessantes da poesia dentro de sua geração (Arnaldo nasceu em 1960), sua escrita segue a vertente da poesia concreta iniciada pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos e por Décio Pignatari, trio que encabeçou o projeto concretista em São Paulo na década de 1950. Seguindo essa linhagem, Antunes intenciona explorar a potencialidade artístico-visual através do texto poético, contudo sem se ater ao fundamento teórico e ideológico do movimento, hoje já datado. Há, certamente, uma afinidade estética, mas a sua poética segue um caminho próprio. Reconhecido no meio literário por outros títulos de poesia anteriores ao livro *As Coisas*, como *Psia*, de 1986, e *Tudos*, de 1990, Antunes ainda chegou a lançar um trabalho pouco conhecido em 1983, bem em seu início de carreira. Trata-se de um álbum de poemas visuais editado de forma artesanal chamado *OU / E* (CARNEIRO, 2011, p. 25).

Publicado em 1992, *As Coisas* é considerado (em termos oficiais) o seu terceiro livro, e foi com ele que Antunes recebeu o seu primeiro Prêmio Jabuti. Após três décadas, os poemas desse livro ainda mantêm o seu frescor e originalidade, e podem ser lidos por pessoas de todas as idades. Devido à sua abordagem temática e à linguagem adotada por Arnaldo Antunes, supõe-se que essa obra tenha sido pensada para atrair diversos públicos e faixas-etárias. Em alguma medida, pode ser uma boa indicação ao público-leitor composto por adolescentes e crianças que gostam de ler e ouvir poesia, e que estejam sendo iniciadas/os nesse gênero literário (infelizmente, ainda pouco lido) através de autores/as contemporâneos/as menos comuns à literatura infanto-juvenil. É o que se observa no caso de Arnaldo Antunes, um escritor mais conhecido por obras voltadas ao público jovem a adulto, haja vista que parte dos seus leitores e leitoras atuais conheceram-no através das canções dos Titãs e somente depois vieram a se interessar por seu trabalho na poesia.

Sua produção literária tem sido constante e demonstra que há coerência em seu trabalho como poeta, marcadamente pautado pela experimentação visual e sonora, incluindo-se, aí, incursões poéticas com o uso das tecnologias.

Sobre a trajetória e recepção do livro *As Coisas*, verifica-se que ele foi, desde o início, muito bem recebido pelo público leitor e pela crítica especializada, como também pelos órgãos públicos ligados à educação em seus diferentes níveis, que chegaram a incluir essa obra do autor dentre as sugestões de leituras literárias nas escolas públicas, conforme atesta a pesquisadora Fabiana Carmen Carneiro, em sua dissertação de mestrado sobre essa obra de Arnaldo Antunes:

Em 1992, Arnaldo publicou o livro **As Coisas**, também pela Editora Iluminuras. Em 1996 este livro foi adotado pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, do Ministério da Educação, o MEC, pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FAE e pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, sendo que em 1993 já havia recebido o Prêmio Jabuti de Poesia. Dentre as principais características da obra, chamam a atenção o olhar infantil que o poeta dá às coisas, a forma com que os poemas estão dispostos nas páginas e a simplicidade da linguagem poética que trazem a estranheza da obviedade à tona, resgatando a poesia na naturalidade. (CARNEIRO, 2011, p. 28, grifo da autora)

Portanto, credita-se a boa receptividade do livro *As Coisas* à originalidade de sua concepção visual, a qual coloca em destaque junto aos poemas de Arnaldo Antunes, as inspiradas e certeiras ilustrações infantis de Rosa Moreau Antunes, filha do poeta. Em relação aos textos, com exceção do poema “perfil”, que foi escrito em coautoria com o músico e compositor Nando Reis, outro conhecido ex-integrante da banda Titãs, os demais poemas são todos de Antunes, somando um total de quarenta e dois poemas, cada um deles antecedido por um desenho de Rosa, formando-se, desse modo, pares complementares de imagens e textos poéticos. Uma curiosidade é que seis poemas de *As Coisas* foram musicados, isto é, transformaram-se em canções que receberam música e foram gravadas; uma delas, inclusive, pelo cantor e compositor Gilberto Gil. De acordo com o pesquisador Jorge Normando dos Santos Filgueira, os seis poemas que ganharam as versões musicadas são: “as árvores”, “as coisas”, “o campo”, “a cultura”, “o dinheiro” e “se (não se)”.

2 Pensando a poesia infanto-juvenil

No livro *Poesia Infantil*, a pesquisadora Maria da Glória Bordini procura não apenas valorizar o gênero da poesia, mas enfatizar a urgência de a criança e adolescentes terem acesso a uma poesia de qualidade. Segundo Bordini (1986, p. 13-14), em contraposição à poesia adjetivada por ela como “genuína” (1986, p. 41), são lançadas no mercado obras que, na verdade, não são livros de poemas, mas sim de “pseudopoemas”. Isto é, em termos pedagógicos, poemas cujas autorias estariam mais preocupadas em educar e doutrinar por meio da forma poética, do que realmente de oferecer ao público infanto-juvenil um trabalho literário de alta qualidade artística. A despeito disso, ressalta o poeta e crítico José Paulo Paes que: “Não que eu seja inteiramente contrário ao viés pedagógico da maior parte da literatura infanto-juvenil. Apenas acho que ele não deve sobrepor-se ao lúdico e ficcional, ao poder de distrair e divertir que constitui a própria razão de ser dela.” (PAES, 1996, p. 37-39).

Já no entendimento de Maria da Glória Bordini:

Só quando a produção poética transcende a tendência à inferiorização de seu destinatário, tratando-o em pé de igualdade e apresentando-lhe um texto com o mesmo nível artístico que para o adulto, é que essa traição não ocorre. (BORDINI, 1986, p. 21)

Entendendo-se, aqui, por “traição” o viés pedagógico e, por vezes, doutrinário, existente em parte da poesia produzida para o público infantil e juvenil, que assim trata crianças e adolescentes como seres incapazes de pensar criticamente. Considera-se que a literatura pode ser transformadora, oferecendo às pessoas o livre arbítrio para pensar, agir e dar vazão à sua imaginação.

Entende-se que o foco da literatura direcionada ao público infanto-juvenil não mais se restringe a educar e passar lições morais. É por esse prisma que parte da poesia direcionada ao público infanto-juvenil estaria sendo produzida hoje, a exemplo de poetas, como Arnaldo Antunes e de outros autores e autoras mencionados anteriormente, priorizando a ludicidade e a qualidade da escrita, evitando, entre outras coisas, equívocos literários e obras de pouca qualidade artística. Afinal, sendo uma forma de arte, a poesia pode concomitantemente proporcionar prazer e trazer conhecimento crítico. Nesse sentido, o livro *As Coisas*, de Arnaldo Antunes, traz poemas inteligentes e criativos. Numa linguagem poeticamente simples,

o autor propõe reflexões sobre o mundo sem parecer complexo e, de uma forma agradável, a leitura ativa a ludicidade e a imaginação. Assim, os poemas falam sobre todos os tipos de “coisas” do cotidiano e da vida, das mais banais até aquelas mais sérias, que perpassam os valores humanos e tratam de temas profundos e existenciais. Tudo é tratado com muita leveza e pitadas de humor, que, combinados aos poéticos desenhos de Rosa Moreau Antunes, formam uma composição visual graficamente marcante.

O livro de Arnaldo Antunes é indicado a todos os públicos, e o detalhe que o diferencia dos livros de José Paulo Paes, Manuel Bandeira e Cecília Meireles está no fato de que a ilustradora, nesse caso, não é uma profissional da área de publicações infanto-juvenis, mas uma menina que demonstra, por meio de seus desenhos, a sua forma de expressão poético-visual. Desse modo, suas criações, ao lado dos poemas do pai, formam um surpreendente conjunto, no qual vemos um diálogo original entre ideias, imagens e palavras, ou seja, uma verdadeira interação artística e literária produzida através da arte visual de uma criança e da poesia escrita de um adulto.

As publicações literárias voltadas para o público infanto-juvenil precisam ser muito atraentes em termos visuais, com ilustrações que acompanhem a proposta poética do escritor ou da escritora, seja num livro de ficção no gênero da prosa ou de poesia. Mesmo no livro didático, especialmente aquele voltado ao ensino infantil, o tratamento dado às imagens e às ilustrações são elementos essenciais, seja do ponto de vista pedagógico, como também pelo aspecto estético. As ilustrações e fotografias colaboram para a ampliação e aprofundamento dos conteúdos estudados, pois atraem o interesse das crianças e adolescentes para o conhecimento através de imagens artísticas. Na avaliação de Luís Hellmeister de Camargo: “Além de *catalisador* da leitura, a ilustração é uma obra de arte e, numa apropriação da fórmula horaciana, também instrui, deleita, comove e educa”. Para o pesquisador:

A ilustração estimula a imaginação, funcionando como uma espécie de *prólogo visual* ao texto, gerando *uma multidão de impressões vagas e cativantes*, ou seja, criando expectativas em relação a ele. Essas *impressões* não são transitórias, podendo durar para toda a vida. (CAMARGO, 1998, p. 24, grifos do autor)

As ilustrações contidas em *As Coisas* foram criadas por uma desenhista infantil, por isso apresentam traços característicos de uma criança que está passando por uma etapa conhecida no ensino da arte como

a ‘fase da garatuja’¹. De acordo com o estudioso Viktor Lowenfeld, essa forma de rabisco refere-se a um momento bastante específico do desenho feito na infância, e diz respeito ao desenvolvimento motor e criativo dos seres humanos, porque:

As crianças iniciam, geralmente, suas experiências criadoras com seus rabiscos, suas garatujas. Às vezes, parecem “saltar” o período dos rabiscos e iniciam o desenho de objetos identificáveis. Na maioria dos casos, porém, descobre-se que as crianças fizeram suas garatujas de uma ou de outra maneira, isto é, na areia ou com sua sopa de cereais, sem que os pais dessem conta do fato. [...] (LOWENFELD, 1977, p. 101-102)

Portanto, a originalidade do livro de Arnaldo Antunes está, entre outros fatores, em ser um livro de poesia aparentemente escrito para o público jovem a adulto, que, no entanto, foi fartamente ilustrado com desenhos infantis. Nesse sentido, entende-se que ele também é um trabalho que procura abarcar outras faixas-etárias, seguindo-se o próprio exemplo da ilustradora da obra, que era ainda uma menina quando dela participou. De acordo com as informações de Fabiana Carmen Carneiro (2011, p. 23), acerca da poética arnaldiana em *As Coisas*, Rosa Moreau Antunes tinha, então, apenas três anos de idade quando fez os desenhos que foram utilizados para ilustrar o livro de seu pai, Arnaldo. Segundo a explicação de Viktor Lowenfeld, compreende-se, então, que as ilustrações de Rosa se encaixam num tipo de desenho praticado nos primeiros anos da infância, haja vista que:

Geralmente, a criança começa a rabiscar papéis aos dois anos de idade. Este período, como tudo quanto ocorre no desenvolvimento humano, varia de um indivíduo para outro. Uma criança pode começar a rabiscar aos dezoito meses. [...] A idade normal para os rabiscos estende-se dos dois anos aos quatro. Entre três e quatro anos, as crianças, geralmente, dão nome às suas garatujas, isto é, relacionam suas imagens mentais com o que desenham². (LOWENFELD, 1977, p. 101)

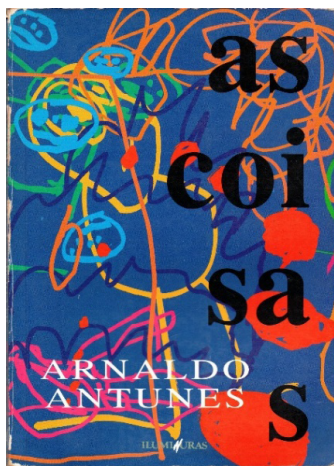
¹ Conforme Edith Derdyk: “Na busca de denominadores comuns que deem subsídios para uma compreensão mais precisa deste eterno garatujar, os signos gráficos são classificados e sistematizados, [...], notadamente no trabalho realizado por Rhoda Kellog em *Analysing children's art*. Simplificando [...], existem garatujas frutos de gestos arquetípicos, inatos a todas as crianças do mundo, independentemente da sociedade a que pertencem, e existem também as garatujas frutos de gestos assimilados e aculturados.” (DERDYK, 1994, p. 52).

² Segundo Edith Derdyk: “Estas ‘garatujas básicas’ podem fornecer um sistema de classificações para centenas de desenhos. As garatujas funcionam como unidades

Para entender como as belas garatujas da pequena ilustradora Rosa interagem com os poemas escritos pelo poeta Arnaldo Antunes, analisar-se-ão, a seguir, algumas imagens e poemas selecionados do livro, dentro de um recorte analítico que privilegie o conteúdo reflexivo presente nos textos e a liberdade criativa visual da criança que desenha, em relação a eles.

3 *As Coisas* de Arnaldo Antunes e Rosa Moreau Antunes

Figura 1 – Capa do livro *As Coisas*, de Arnaldo Antunes e Rosa Moreau Antunes.



Fonte: ANTUNES, 1992.

A capa de *As Coisas*, criada por Arnaldo Antunes em parceria com Zaba Moreau – na época sua companheira, mãe de Rosa e de Celeste, filhas do casal a quem dedicam o livro –, apresenta uma composição colorida feita a partir da sobreposição de vários dos desenhos de Rosa, criados para ilustrarem os poemas do livro. O projeto gráfico e a diagramação, feitos pelo próprio autor, procuram valorizar o diálogo poético entre texto e imagem. Assim, cada poema de Arnaldo é antecedido por um desenho de Rosa, em versão preto sobre branco, numa interação perfeita entre imagem e palavra, entre arte visual e poesia.

gráficas, abstratas, sígnicas e que estarão contidas em qualquer desenho figurativo. [...] Subestimamos certas relações que a criança mantém com o universo. Ela ainda não é capaz de operar sobre a realidade, mas existe uma interação direta da criança com o meio ambiente.” (DERDYK, 1994, p. 59).

Como o próprio título do livro sugere, Arnaldo Antunes e sua filha Rosa falam/mostram sobre todos os tipos de “coisas” que fazem parte da existência humana, de tudo aquilo que pode gerar a curiosidade humana. Usando uma linguagem certa, que atinge tanto a juventude quanto a maturidade, o autor parte exatamente da linguagem da criança para compor suas imagens poéticas e criar sonoridades originais. Os quarenta e dois poemas são estruturados em extensões variadas, em sua maioria, textos mais curtos escritos na forma de prosa. Conquanto sua poesia seja fortemente marcada pela sonoridade, credita-se que o ritmo não seja tanto fruto da tradição literária que o autor porventura tenha estudado, mas uma herança trazida da experiência musical e cênica tipicamente roqueira desenvolvida junto aos Titãs. Antunes ousa através da utilização de tamanhos variados da fonte, de acordo com a extensão do texto³. Assim, um poema mais breve é apresentado em letras maiores e, em contrapartida, os poemas mais longos aparecem em letras menores, modelando o texto ao tamanho da página, a fim de que o poema ocupe todo o espaço disponível, como se verá, posteriormente, nas imagens digitalizadas de alguns poemas do livro.

Segundo Fabiana Carmen Carneiro, a escrita em prosa poética ou poema em prosa é um diferencial dentro da produção literária de Arnaldo Antunes:

A opção de escrita em prosa em **As Coisas** sem dúvida chama a atenção do leitor [...], pois o poeta em seus livros publicados, sempre deixou transparecer de forma mais constante poemas que exploram a visualidade trazida do movimento Concreto, adicionado ao experimentalismo que é distintivo de sua produção. Com exceção do

³ Sandra Mina Takakura, cuja tese de doutorado estuda a linguagem poética arnaldiana, verificou no livro *As Coisas*, uma tendência do poeta ora para um estilo neoconcreto ora para um estilo neobarroco. Em sua análise: “Arnaldo Antunes realiza a sua experimentação na obra, questionando a relação entre a palavra a coisa/objeto/corpo no mundo por meio das metáforas e da materialidade da palavra, fazendo uso de fontes que variam entre o tamanho 14 e 70 [...]. A escolha por uma dimensão de fonte é determinada segundo a quantidade de caracteres. Em uma proporção inversa, quanto menor a quantidade de caracteres, maior é o tamanho da fonte escrita, resultando em efeito visual e estilo neoconcreto. Por outro lado, quanto maior a quantidade de caracteres, menor é a fonte da escrita. O poema, dessa forma, perde o apelo gráfico, afastando-se do estilo neoconcreto. Assim temos, de um lado, a linguagem condensada do estilo neoconcreto e, de outro, a linguagem prolixa que pode apontar para seu estilo neobarroco.” (TAKAKURA, 2019, p.185).

livro **40 escritos**, que reúne ensaios de escrita peculiar, **As Coisas** é o primeiro que mantém uma temática semelhante do primeiro ao último poema. (CARNEIRO, 2011, p. 137, grifos da autora)

Em relação ao papel da ilustração no livro de Antunes, é preciso ressaltar a rica contribuição das criações visuais da filha do poeta para a composição geral do livro. São desenhos essencialmente infantis, garatujas em sua maioria, e expressam de forma sugestiva cada um dos poemas. Assim como a poesia, a arte infantil pode apresentar-se como um enigma a quem o observa e tenta interpretá-lo. No caso de *As Coisas*, poemas e desenhos em interação colocam em discussão a linguagem da obra, acrescentando-lhe muita autenticidade. Para Fabiana Carmen Carneiro (2011, p. 57), a estratégia linguística adotada por Arnaldo Antunes, ao brincar com a linguagem da infância como potência inventiva, propõe-se a desautomatizar a forma de ver o mundo e encontra antecedentes na poesia de Oswald de Andrade, Manoel de Barros e José Paulo Paes.

Os desenhos podem servir como símbolos poéticos, transpondo o pensamento infantil na forma visual. Criados por uma menina de apenas três anos de idade, os desenhos de Rosa inspiraram os poemas de Arnaldo Antunes. Impregnados do imaginário das crianças dessa faixa-etária, as garatujas remetem à linguagem escrita-desenhada-falada praticada por elas. Pela pedagogia do ensino voltado à arte, entende-se na análise de Viktor Lowenfeld que:

As garatujas infantis são tão diferentes entre si como as próprias crianças. Algumas são firmes e ousadas, demonstrando que foram feitas com movimentos largos, ao passo que outras são delicadas e tímidas, como que a revelar a índole de seus autores. (LOWENFELD, 1977, p. 96)

Assim, as criações da pequena Rosa não deixam de ser, antes de tudo, grafismos infantis com características comuns aos rabiscos feitos por crianças da sua idade, que apresentam, ainda, algumas qualidades específicas, como ressalta o pesquisador, porque são expressões visuais que carregam elementos gráficos singulares ao seu modo de ver o mundo e contribuem na formação da sua personalidade artística.

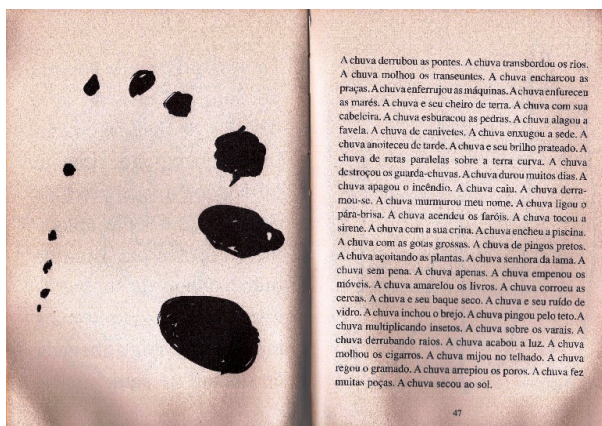
É possível que as ilustrações de Rosa tenham sido desenhadas aleatoriamente e depois foram combinados aos textos poéticos de Arnaldo Antunes. Ou, até mesmo, que alguns poemas tenham se originado a partir dos desenhos da criança, inspirados no imaginário visual da filha.

Podem, ainda, terem sido desenhados de acordo com os temas tratados em cada poema, lidos em voz alta para que ela pudesse desenhar o que foi absorvido. Contudo, não seria possível afirmar exatamente como ocorreu o processo de criação visual das ilustrações de *As Coisas*, a não ser que perguntássemos ao próprio autor, Arnaldo Antunes, ou a Zaba Moreau, mãe de Rosa, que organizou e projetou com Arnaldo a capa do livro. Suposições à parte, o resultado da obra é muito original e a relação simbiótica (para usar um termo comum à semiótica) entre poesia e arte, demonstra como a interação artístico-literária entre o autor e a ilustradora foi bem sucedida. Na afirmação de Rodrigo da Costa Araújo:

A ilustração não deve explicar o texto. É preciso haver um encontro, como no teatro, entre texto, cenário, figurinos, iluminação, coreografia, etc. Em teatro, ninguém espera que o cenário sozinho ilustre o texto. A ilustração não deve ilustrar o texto, mas dialogar com ele. (ARAÚJO, 2009, p. 14)

No poema “a chuva”, por exemplo, Antunes explora o uso da anáfora para criar um texto cuja repetição vai gerando na leitura um ritmo monótono, cumulativo, peculiar nos textos infantis. A ilustração desse poema é bastante simples e eficiente. São bolinhas pretas desenhadas em sentido crescente, pequeninas, médias e grandes, formando uma curva que parece simular o efeito visual das gotas de chuva caindo conforme vão se aproximando do solo:

Figura 2 – Desenho de Rosa Moreau Antunes e poema “a chuva” de Arnaldo Antunes.



Fonte: ANTUNES, 1992, p. 46-47.

O desenho de aparência abstrata de Rosa Moreau Antunes dialoga bem plástica e poeticamente com “a chuva”, de Arnaldo Antunes, de modo que esse efeito poético-visual vai ao encontro das considerações de Rodrigo da Costa Araújo, que diz:

Espécie de tradução intersemiótica, a ilustração reforça que a própria palavra pode ser recodificada em outro sistema, lida de outra maneira. Concebida como imagem literária, diferentemente de uma imagem não-literária, ela possui efeitos sugestivos, plasticidade de uma prática poética, de uma “poesia visual”. Esses recursos, exercícios retóricos visuais, de alguma forma ou de outra, citam outras linguagens: as artes plásticas, cênicas e cinematográficas. (ARAÚJO, 2009, p. 12)

O poeta inspira-se nas redações dos aprendizes e iniciantes da escrita, nas quais as frases se repetem de modo simplificado e monocórdico, iniciadas quase sempre da mesma forma:

[...] A chuva de retas paralelas sobre a terra curva. A chuva destroçou os guarda-chuvas. A chuva durou muitos dias. A chuva apagou o incêndio. A chuva caiu. A chuva derramou-se. A chuva murmurou meu nome. [...] (ANTUNES, 1992, p. 47)

Mesclando uma sintaxe similar que lembra a da escrita infantil, todavia, com certa sofisticação lexical, o autor cria um texto criativo e poético, levando a refletir sobre a nossa própria linguagem escrita e falada, transformada em poesia. O texto e a imagem que o ilustra formam, desse modo, um par que se complementa muito bem, aliando a sequência desenhada de gotas de chuva caindo com a sequência de frases curtas e repetitivas que formam o poema. Juntas, essas sequências gráficas (desenho e texto) são lidas de forma visual e verbal, simulando imagética e sonoramente a melodia da chuva. Nota-se, em vários poemas, que Antunes gosta de explorar o uso de repetições, seja por meio de anáforas, aliterações, assonâncias, paralelismos ou comparações.

Observe-se que o autor não ridiculariza o texto infantil, nem ‘infantiliza’ a sua linguagem a fim de que as crianças assimilem a sua poesia. Ele não se vale de artifícios comuns como usar vocábulos no diminutivo, apelar para o humor fácil, ou mesmo explorar excessivamente o uso de onomatopeias, um recurso bastante comum na poesia direcionada ao público infantil. Como analisa Maria da Glória Bordini, os “pseudopoemas” tendem

a criar estereótipo do que se entende pelo adjetivo “infantil”, gerando uma poesia infantilizada e tola, que subestima a inteligência e a capacidade imaginativa da criança. Por este prisma, o termo “infantil” adquire um sentido pejorativo e não qualitativo. Desse modo, ela observa que, em geral, a poesia “cômica infantil” tende a ridicularizar:

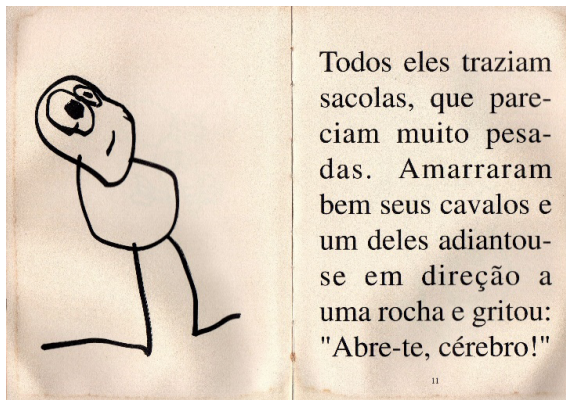
[...] as limitações da criança, cria para ela uma auto-imagem risível pela fragilidade, ignorância e incapacidade ante o mundo dos adultos [...]. Só quando a produção poética transcende a tendência à inferiorização de seu destinatário, tratando-o em pé de igualdade e apresentando-lhe um texto com o mesmo nível artístico que para o adulto, é que essa traição não ocorre. (BORDINI, 1986, p. 20-21)

É por esse motivo que o termo “adulto-infanto-juvenil”, cunhado por José Paulo Paes, talvez seja o mais apropriado ao livro de Arnaldo Antunes, pois ele não subestima a inteligência das crianças e adolescentes. Seu texto não intenciona imitar tal linguagem, nem procura adotar o tom ‘professoral’ de um adulto ensinando a uma criança o que significam as palavras. Os poemas de *As coisas* parecem se inspirar no imaginário infantil e são ressaltados pelos desenhos criados por Rosa. De alguma forma, o trabalho de Arnaldo Antunes dialoga com a experiência linguística da criança, pois entende-se com a pesquisadora Fabiana Carmen Carneiro que:

[...] os escritos lembram textos enciclopédicos e, ao mesmo tempo, surgem como textos infantis, que tomam por um estranhamento a respeito dos nomes e das coisas e das definições do mundo material. Ao explorar de forma muito intensa a poesia própria existente nas coisas, Antunes faz refletir sobre a poesia da vida cotidiana, aquela que as crianças conseguem perceber com naturalidade e que acabam sendo desestimuladas na escola com o (e no) convívio com os adultos. (CARNEIRO, 2011, p. 35)

Além de simular espécies de “textos enciclopédicos” e explorar a ludicidade inerente à linguagem infantil, Antunes cria trocadilhos a partir de inspirações inusitadas, tiradas ou não de obras literárias infanto-juvenis, como ocorre em “abertura”, que leva este nome por ser justamente o primeiro poema do livro. Nele, o poeta faz uso da paronomásia, extraíndo um humor irônico e inteligente que fecha o breve texto: “Abre-te, cérebro!”, referindo-se, obviamente, à mítica frase “Abre-te, Sésamo!”, originária do conto de *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*:

Figura 3 – Desenho de Rosa Moreau Antunes e poema “abertura” de Arnaldo Antunes.



Fonte: ANTUNES, 1992, p. 10-11.

O desenho de Rosa Moreau Antunes para o poema “abertura” é sugestivo porque retrata a pessoa descrita no texto – na expectativa da ‘abertura do cérebro’ – com uma cabeça do tamanho de seu tronco, mostrando no semblante um sorriso discreto e confiante, olhos esbugalhados voltados para cima, ou seja, “em direção” à mencionada “rocha” existencial. Destaca-se que, curiosamente, a figura não tem braços e seus pés são desproporcionalmente grandes em relação ao seu corpo, sugerindo a impotência de não ter onde se apoiar ou segurar, e, por outro lado, a estabilidade física e a capacidade de correr se for necessário. Edith Derdyk, artista brasileira que também se dedicou ao estudo teórico da linguagem do desenho infantil e juvenil, diz especialmente em relação ao desenho da figura humana nos anos iniciais da infância:

A criança desenha a figura sem pé, ora uma cabeçorra sem mão, ora o braço saindo da cabeça, ora os pés, ora braços sem dedos, ora o tronco sem pescoço, ora pés e cabelos raiados, mas uma coisa é certa: não existe figura humana sem cabeça, a sede dos sentidos.

A presença da cabeça, representada através de uma forma oval, retangular, quadrada, triangular, seja qual for, é fundamental para animar e significar o ser vivo que a criança aponta naquele sinal gráfico, revelando a necessidade original de figurar o humano, a cabeça é o nosso órgão de atenção para a vida, local onde se situam todos os nossos sentidos – a visão, a audição, o paladar, o olfato –, habilitando a nossa percepção a tocar o Universo.

Também não existe figura sem centro, um ventre que sustenta o que é capaz de gerar. Quando observamos o desenho da figura como um todo percebemos uma “espinha” que sustenta uma noção de verticalidade, como também a existência de um centro, ao redor do qual os elementos/membros gráficos se desenvolvem, se distribuem e se organizam. (DERDYK, 1990, p. 113-114)

Por tais características, destacadas pela pesquisadora, a (deduzida) figura de Ali Babá é atualizada no desenho de Rosa Moreau Antunes, através dos traços típicos de uma criança que está aprendendo a ver e a conhecer o mundo, vendo-o como se fosse a primeira vez. Comparativamente, em sintonia com a expressão da fala e da arte infantil, Arnaldo Antunes procura extrair esse mesmo olhar de expectativa e de “abertura” da/para a vida através da poesia criada em *As coisas*, exercício de escrita poética praticada desde as letras das canções que compunha para os Titãs. Assim como nas composições musicais, Antunes parece procurar a origem e o sentido das coisas em tudo que o que cria. Através das palavras, ele tenta expressar o espírito primitivo do ser diante do mundo a ser descoberto ou recém descoberto. A criança, em semelhança a esse ser primitivo, é um ser em desenvolvimento. Sua linguagem, como nas inscrições rupestres, inspiram e revelam a mesma busca essencial que o poeta almeja na linguagem poética. Corroborando a visão apresentada por Edith Derdyk na linguagem do desenho infantil, no aspecto da linguagem verbal, Fabiana Carmen Carneiro poderia acrescentar que:

[...] Arnaldo Antunes busca estimular os sentidos através da linguagem e das palavras, fazendo com que este jogo dialético e lúdico se arme e que atinja não somente o público infantil, mas qualquer leitor. Ao explorar seus poemas através de imagens concretas, o poeta busca o estímulo simultâneo dos sentidos e do intelecto que reaproxima a natureza e o primitivo. A imagem surge anteriormente à palavra e promove verdadeiras sensações visuais [...] Segundo Alfredo Bosi⁴

⁴ O trecho citado pela autora foi extraído do livro *O Ser e o Tempo da Poesia*, de Alfredo Bosi, o qual diz exatamente: “[...] A imagem não decalca o modo de ser do objeto, ainda que de alguma forma o apreenda. Porque o imaginado é, a um só tempo, dado e construído. Dado, enquanto matéria. Mas construído, enquanto forma para o sujeito. Dado: não depende da nossa vontade receber as sensações de luz e cor que o mundo provoca. Mas construído: a imagem resulta de um complicado processo de organização perceptiva que se desenvolve desde a primeira infância.” (BOSI, 2000, p. 22).

as imagens emitidas pelos objetos são construídas através de um processo de organização perceptiva, que é desenvolvido na primeira infância⁵. (CARNEIRO, 2011, p. 36)

É nesse sentido de descoberta e de “abertura” para o mundo das linguagens visuais e verbais que os assuntos em torno dos animais, tão atraentes às crianças e adolescentes, e que na poesia pode ser interessante também às pessoas mais velhas, aparecem em vários poemas, entre os quais “a cultura”, “o elefante” e “o passarinho”. Neles, Antunes parte da curiosidade natural da criança em questionar tudo o que lhe é desconhecido, também indica que envelhecemos e pouco sabemos ou procuramos conhecer sobre a vida dos demais animais que habitam o mundo. Ler tais poemas mostra-nos que é preciso alimentar nos seres humanos, desde muito cedo, uma sensibilidade mais profunda em relação a todos os seres vivos na Terra, a fim de garantir o próprio senso de humanidade e de preservação ambiental entre nós, já que, ao ignorarmos ou mesmo desprezarmos a vida de outros seres, deixamos de valorizá-los enquanto vidas necessárias à sobrevivência e manutenção sustentável do planeta, desumanizando e degradando-nos como pessoas.

A seguir, vê-se a imagem da reprodução de uma matéria de 1988 na Folhinha (da Folha de S. Paulo), caderno dominical que era dedicado às crianças. Ela aborda a poesia de Arnaldo Antunes e a arte infantil, cujo poema “tudos” – anos depois, incorporado ao livro *As Coisas*, ganhou ilustrações do filho do cartunista Angeli, na época com sete anos de idade:

⁵ O pesquisador Jorge Normando dos Santos Filgueira analisa que nos poemas de *As Coisas*, Arnaldo Antunes (certamente, ao lado das ilustrações de Rosa) tenta reconstruir “signos representativos das coisas do mundo”, apoiando-se no que José Paulo Paes (“Infância e poesia”, in: Folha.uol.br, 1998) considera como a infância da linguagem: “Freud lembra que as crianças tendem a tratar as palavras como ‘coisas’. [...]. Palavra, imagens, metáforas, não são, para a criança, símbolos abstratos, mas duplos das coisas, tanto assim que a nomeação basta para fazerem as coisas existirem. Daí ela aceitar, sem se importar em discutir-lhe a verossimilhança, tudo quanto um poema diga.” (Paes apud FILGUEIRA, 2010, p. 60).

Figura 4 – O poema “tudos”, de Arnaldo Antunes, ilustrado por Pedro Angeli.



Fonte: Folha de S. Paulo, 1988, p. B-8.

A seguir, a versão do poema “tudos” ilustrado por Rosa Moreau Antunes, no livro *As Coisas*, de 1992:

Figura 5 – Desenho de Rosa Moreau Antunes e poema “tudos” de Arnaldo Antunes.

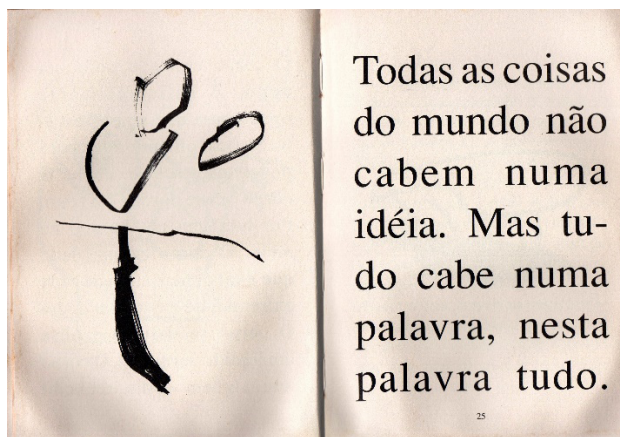


Fonte: ANTUNES, 1992, p. 12-13.

Em “tudos” (no plural, mesmo), Antunes ironiza a pessoa adulta que está sempre tentando explicar tudo para as crianças, mesmo tendo consciência de que não terá resposta para tudo. O final do poema revela essa impossibilidade, esse impasse existencial, como um axioma. Na tentativa vã de explicar o significado das mais variadas coisas, o sujeito lírico, ao final, após uma longa lista de definições, conclui que é impossível responder a todas as perguntas das crianças: “[...] Crianças gostam de fazer perguntas sobre tudo. Nem todas as respostas cabem num adulto.” (ANTUNES, 1992, p. 13). É preciso aprender a fracassar.

Já no poema “tudo” (agora, no singular), o poeta cria um jogo de palavras e de sentidos a partir do significado dessa palavra, e, como num *insight*, resolve-se a questão seguindo uma lógica semântica, ao mesmo tempo que uma estratégia poética:

Figura 6 – Desenho de Rosa Moreau Antunes e poema “tudo” de Arnaldo Antunes.



Fonte: ANTUNES, 1992, p. 24-25.

A composição de Rosa para “tudo” divide-se em duas metades perfeitas, superior e inferior. Nela, a simpática ilustração mostra o que pode ser entendido como uma face simplificada da figura humana, que se resume aos olhos feitos por dois círculos ovalados, abaixo deles, há uma curva em “U”, que tanto pode ser um grande nariz como uma boca sorridente. Abaixo,

marcando exatamente a metade da composição do desenho, complementa-se com um traço quase horizontal, não fosse o lado direito estar mais caído, como os lábios de uma boca sinalizando descontentamento ou insatisfação, e, em seguida, formando uma espécie de “T” num rabisco vertical mais grosso, bem marcado em preto, que poderia sugerir, quem sabe, um “t” de “tudo”⁶. Em concomitância a essa dúvida imagética, esse grafismo sugestivo dá ainda a impressão de ser uma boca com a língua para fora, ou, quiçá, um colarinho de camisa ao qual se prende uma bela gravata preta⁷. Interpretar desenhos infantis é tentar desvendar enigmas poéticos, e nisso se encontra um pouco da graça e do prazer de cultivar a leitura de poesia e da arte de perceber e apreender a arte visual.

O jogo de palavras e sentidos ainda é explorado em alguns poemas que tratam da temática do corpo humano, como quando as crianças questionam as diferenças físicas entre os gêneros, verificados em “os peitos”, “os avós” e “o corpo”. Antunes desenvolve sua poesia a partir desse tipo de tema com muita naturalidade, explorando o humor e a inteligência de quem lê. Inspirado, possivelmente, na curiosidade e ingenuidade que são próprios da criança, quando esta descobre uma palavra nova ou um sentido inusitado para um vocábulo já conhecido. Sobre isso, Fabiana Carmen Carneiro analisa que:

⁶ Não é impossível que seja a letra “T”, pois na composição da ilustração que Rosa fez para o poema “as folhas” (ANTUNES, 1992, p. 80-81), ela ‘escreve’ algumas letras soltas (vogais e consoantes), desenhadas em formato de letra de forma/caixa-alta, espalhadas no suporte/folha do papel como se fosse uma ‘sopa de letrinhas’.

⁷ Tal suposição também perpassa a análise do pesquisador Jorge Normando dos Santos Filgueira, que observa no desenho de Rosa Moreau Antunes a presença dessa dúvida ou ‘ambiguidade imagética’. Para além da suposta ‘gravata’, Filgueira vê a possibilidade de que ela seja uma representação sintética do corpo da própria figura: “Aparentemente, o desenho representa o rosto de um homem de nariz avantajado, que usa gravata, isso se não atentarmos para a linha que divide a folha em duas, separando uma suposta cabeça de um suposto corpo, representado metonimicamente pelo que vemos como ‘gravata’. [...]. Mas também não há uma delimitação para o contorno do corpo, o que nos leva a pensar que o desenho representa, então, uma grande abertura para o mundo, uma abertura para o ‘tudo’, de que trata o poema [...]” (FILGUEIRA, 2010, p. 51).

Arnaldo promove um jogo que vai além da linguagem, um jogo de “parece, mas não é”. O poeta explica que esse discurso quase pedagógico foi inspirado no olhar infantil, no jeito como as crianças fazem associações inusitadas, e que busca também dizer aquilo que é óbvio, só que de um óbvio tão óbvio que não é percebido por se estar acostumado com outro tipo de registro. Um óbvio que atinge a estranheza, no sentido aparentemente oposto. (CARNEIRO, 2011, p. 58)

Por isso, com a reflexão de Maria da Glória Bordini, entende-se que a poesia não deixa extinguir na criança e na pessoa adulta a sua capacidade de se maravilhar com as coisas, como se vissem ou lessem algo pela primeira vez:

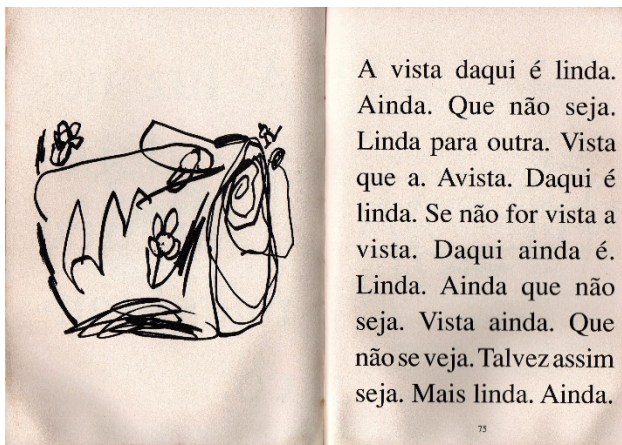
Naturalmente admiradora, a criança tende a acostumar-se à surpresa do mundo, principalmente porque os adultos lhe parecem orbitar em torno de certezas imutáveis, vendo tudo sempre pelo mesmo prisma. É então que a experiência do poético pode transtornar esse habituar-se da consciência precoce, propondo-lhe e requerendo-lhe que se abra para o diverso, que jogue com sons, conceitos e vivências fantásticas, que investigue e indague a natureza das coisas nessa brincadeira, que busque os lados não-vistos, que pressinta, que não se contente com as versões recebidas, que mantenha viva a capacidade de maravilhar-se. (BORDINI, 1986, p. 40)

Esse “maravilhar-se” ante a vida, frente ao mundo e às “coisas” todas que fazem parte da existência, deveria estar presente não apenas na infância e na juventude através da leitura, mas ser mantido ao longo de todo o desenvolvimento humano e se prolongar até a velhice. Sem dúvida, a poesia e as demais artes podem proporcionar essa experiência literária e prática de mantermos a criança que há em cada uma/um de nós. Por esse motivo, Bordini enfatiza a importância do ato admirativo como forma de instaurar o olhar infantil sobre as coisas:

Se a atitude admirativa pode ser circunscrita a algum estágio do desenvolvimento humano, é na infância que ela se situa pela primeira vez, nesse momento privilegiado em que a consciência sai do casulo dos instintos e descobre a novidade absoluta das coisas e sua alteridade radical. É então que consegue regozijar-se sem prevenções, consigo e com o outro, ainda sem o desejo da posse e a dor da separação ontológica. (BORDINI, 1986, p. 40)

A natureza é tematizada por Antunes em diversos poemas, evidenciados especialmente em “o mar”, “o campo”, “as árvores”, “a montanha”, “a vista”. Neste último, a ambiguidade semântica contida no texto, traz à tona a necessidade de pararmos para apreciar qualquer paisagem, mesmo de forma imaginária. O desenho de Rosa mostra uma minúscula figura humana sobre/na paisagem na ponta direita superior de uma espécie de vale, onde despontam flores maiores que ela. Dentre as ilustrações de Rosa, talvez essa seja uma das menos evidentes em relação ao poema ao qual a imagem se refere, o que traduziria, inclusive, a própria contradição contida no texto:

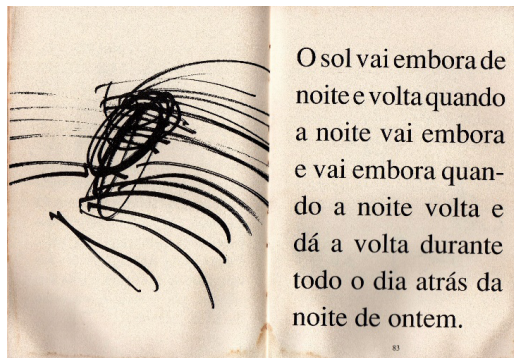
Figura 7 - Desenho de Rosa Moreau Antunes e poema “a vista” de Arnaldo Antunes.



Fonte: ANTUNES, 1992, p. 74-75.

A questão do tempo, da transitoriedade da vida e da existência humana são diretamente abordados em poemas como “o dinheiro”, “os óculos” e “o sol”. Textos como esses apresentam, em suas entrelinhas, algumas ideias de fundo mais filosófico, que, de alguma forma, também permeiam outros poemas do livro, porém sem que o teor existencial seja tão evidenciado pela linguagem. Veja-se o efeito de “eterno retorno” presente em “o sol”, obtido através da sequência frasal que enfatiza a sonoridade repetitiva dos mesmos elementos lexicais e da ausência de pausas, que poderiam ser provocadas com o uso da pontuação através de vírgulas e pontos finais:

Figura 8 - Desenho de Rosa Moreau Antunes e poema “o sol” de Arnaldo Antunes.

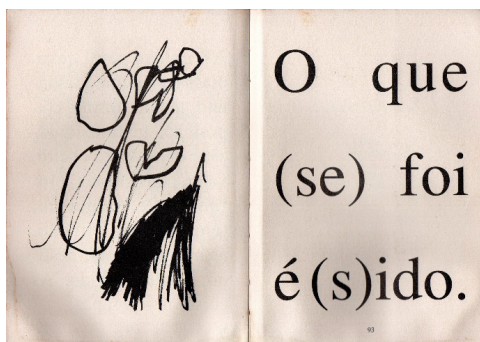


Fonte: ANTUNES, 1992, p. 82-83.

A ideia de transição incessante do tempo está presente no desenho de Rosa, que mostra o sol envolto em inúmeros riscos, sugerindo o movimento do sol entre o dia e a noite, representação do nascer do dia e do seu fim, com a transição para o anoitecer, muito enfatizados por meio do sentido de circularidade que permeia a vida, exposto no texto do poema.

A intenção reflexiva na poética arnaldiana fica ainda mais evidente no enxuto poema intitulado “o que foi”, que fecha o livro, num contraste com os grafismos rebuscados de Rosa, que, em oposição ao tamanho das palavras expandidas de Arnaldo, parte para uma espécie de ‘barroquismo infantil’, marcado pelas garatujas soltas que envolvem a questão do ser, de quem se foi e não é mais o que era, desenho feito e rabiscado:

Figura 9 - Desenho de Rosa Moreau Antunes e poema “o que se foi” de Arnaldo Antunes.



Fonte: ANTUNES, 1992, p. 92-93.

5 Conclusão

A partir da leitura dos poemas de Arnaldo Antunes e dos desenhos de Rosa Moreau Antunes, verificou-se no poeta adulto e na criança, em seus primeiros anos de vida, uma necessidade premente de tentar descobrir e desvendar “as coisas” que compõem seu mundo, num jogo duplo, lúdico e poético entre imagens e palavras. Antunes confirmava, assim, em 1992, que a sua poesia já havia amadurecido e ganhado certo *status* no cenário nacional literário, como uma escrita que se revelava consistente através da sua capacidade visual, e que, no caso de *As Coisas*, poderia causar deleite pela sua ‘sofisticada simplicidade’ verbal, deixando o poder da visualidade nas mãos da pequena desenhista. Os assuntos dos poemas, todos em sintonia com a temática principal, exploram, de forma inteligente, sem ser pedante, as banalidades que compõem o nosso cotidiano, os fatos corriqueiros da vida que falam, nas entrelinhas, sobre o complexo ato de viver, em sequências sonoras permeadas de indagações existenciais. A partir disso, o autor consegue extrair pequenos antídotos contra o tédio, criando uma poesia leve – que, sem as ilustrações de Rosa, é provável que talvez o livro perdesse muito dessa leveza e frescor originais. Associada a elas, a poesia de *As Coisas*, num ímpeto harmonioso, transforma-se numa criação única. É daqueles livros que se forem reeditados não deveriam mudar a capa nem as ilustrações, pois tudo faz parte da obra, são indissociáveis, constituindo-se um objeto artístico já reconhecido pelo público cativo da poesia arnaldiana.

Entende-se que a poesia, por apresentar uma linguagem diferenciada, em certas circunstâncias poderia propor diálogos com o universo infantil, assim como sugerem os poemas de Antunes em *As Coisas*; ressaltando-se que isso parece ocorrer apenas como uma experiência poética, e não como uma estratégia proposital, pré-estabelecida pelo poeta. Nesse sentido, no que tange ao gênero literário, posto que é uma análise específica de um livro de poemas, José Paulo Paes, quando trata das diferenças entre prosa e poesia no universo infantil, faz as seguintes considerações teóricas:

No meu modo de entender, a prosa e a poesia atuam de maneiras diferentes na sensibilidade infantil. As narrativas em prosa, com personagens, peripécias e desfechos, estimulam os mecanismos de identificação imaginativa. [...] Já a poesia tende a chamar a atenção da criança para as surpresas que podem estar escondidas na língua que ela fala todos os dias sem se dar conta delas. Por exemplo, a rima, ou seja,

semelhanças dos sons finais entre duas palavras sucessivas, obriga o leitor a voltar atrás na leitura. Esta passa então a ser feita não linha após linha, sempre para frente, como na prosa, e sim num ir e vir entre o que está adiante e o que ficou para trás. Com isso, desautomatiza-se a leitura e se direciona a atenção para o conjunto de significados do texto, não apenas para a sequência deles. (PAES, 1996, p. 24-25)

Para exemplificar essa afirmação de José Paulo Paes, basta reler o poema “o sol”, anteriormente visualizado, pois Arnaldo Antunes não parece ter a pretensão de criar um mero jogo de palavras, mas sim a criação de sentidos renovados aos significados desgastados das palavras, a fim de levar leitores e leitoras a refletirem sobre as suas próprias existências. A partir dos elementos da natureza, dos objetos e das situações cotidianas que ele escolhe como temática para suas criações poéticas, surgem poemas que instigam à reflexão. Ou seja, através de um jogo semântico, sonoro e sintático ele atinge o campo das ideias, do pensamento e da filosofia, como apreendemos a partir da reflexão de Maria da Glória Bordini, que:

Atos que se assemelham, o do poeta e o do filósofo, é na infância que ambos podem nascer e ser apreciados com o coração desarmado. A poesia genuína, presentificando o Ser na palavra, pode suscitar a atitude admirativa espontânea que está na raiz do pensar filosófico. (BORDINI, 1986, p. 41)

Por esse caminho, para compreender como a forma poética é explorada na literatura infanto-juvenil, Maria da Glória Bordini chama a atenção para alguns aspectos importantes. Segundo ela, dentre as formas literárias, a poesia é a aquela que exige mais introspecção do receptor e da receptora, não por sua subjetividade, mas porque condensa múltiplos sentidos num espaço gráfico mínimo. Ou, ao menos, que seria menor do que o visto na prosa de ficção, que é pautada pela forma narrativa, textualmente muito mais longa e que permite a interrupção da leitura sem que haja prejuízo de sentido. Ao contrário do que ocorre no poema, que exige uma leitura imediata do todo, sem interrupção, isto é, pede que seja lido sempre do início ao fim de uma só vez, preservando e valorizando as sensações sonoras e visuais, para que não se perca o seu significado estético. Assim, o texto do poema pede um olhar mais atento à própria página do livro, como “[...] um ajustamento contínuo de emoções e desejos, juízos e avaliações, à medida que a leitura progride.” (BORDINI, 1986, p. 31).

José Paulo Paes, seguindo uma linha semelhante de raciocínio teórico como a proposta por Bordini, observa que os recursos utilizados na poesia servem para dar vivacidade e poder de sedução à linguagem:

Por isso mesmo foi que Ezra Pound definiu a literatura, e por extensão a poesia, como “linguagem carregada de sentido no mais alto grau possível”. Essa intensidade de sentido está a serviço daquilo que se constitui no objetivo fundamental da poesia: mostrar a perene novidade da vida e do mundo; atizar o poder de imaginação das pessoas, libertando-as da mesmice da rotina; fazê-las sentir mais profundamente o significado dos seres e das coisas; estabelecer entre estas correspondências e parentescos inusitados que apontem para uma misteriosa unidade cósmica; ligar entre si o imaginário e o vivido, o sonho e a realidade como partes igualmente importantes da nossa experiência de vida. [...] Há na poesia um inato poder de sedução. Graças a ele é que podemos intuitivamente chegar a entendê-la e apreciá-la. Basta apenas que a deixemos exercer o seu fascínio sobre nós. (PAES, 1996, p. 26-29)

A questão que envolve o próprio conceito de literatura infanto-juvenil fez com que se procurasse analisar alguns poemas do livro *As Coisas*, de Arnaldo Antunes, acreditando-se que, assim como na poesia de Cecília Meireles, Manuel Bandeira e José Paulo Paes voltadas para o público infanto-juvenil, o trabalho desenvolvido por Arnaldo Antunes nessa obra em específico, também poderia receber a denominação de poesia “adulto-infanto-juvenil”, especialmente por contar com as ilustrações de uma artista infantil que acrescenta à obra um toque visual inusitado, carregado de um imaginário que é próprio da criança.

Maria da Glória Bordini aponta o seguinte paradoxo na produção literária destinada às crianças e adolescentes: o mundo da infância é um enigma para quem é adulto e adulta, mesmo sabendo que todo ser humano já foi um dia uma criança; e, por outro lado, a literatura infanto-juvenil é escrita por autores e autoras de faixa-etária eminentemente adulta. Nessa “assimetria”⁸ literária entre a visão e a escrita adulta sobre o mundo da criança e da adolescência, e a necessidade de uma literatura menos

⁸ Maria da Glória Bordini entende por “assimetria”, na literatura infanto-juvenil: “na situação de comunicação, designa os casos em que o emissor da mensagem se encontra em posição sócio-cultural e/ou linguística superior à do receptor, originando atos comunicativos tendentes

pedagógica e mais lúdica, apontada por José Paulo Paes, a proposta poética e visual de Arnaldo Antunes, no livro *As Coisas*, parece equilibrar o peso da escrita adulta (do pai, Arnaldo) com a leveza da arte infantil (da filha, Rosa), mostrando que poesia e ilustração formam um par importantíssimo na composição dessa obra. Além disso, o autor prova ser possível criar um tipo de poesia sem rótulos, sem fixar-se em padrões estéticos ligados a esta ou aquela faixa-etária, sendo capaz de agradar pessoas de todas as idades.

Em *As Coisas*, o trabalho artístico de Rosa Moreau Antunes, através de suas ilustrações, não apenas opera com perfeição imagética os poemas aos quais faz referência, como ilumina e amplia a originalidade dessa obra arnaldiana. Tal feito, destaca-se por ser inusual que uma criação infantil venha a complementar um livro de poesia sem indicação prévia de faixa etária a ser atingida, e que, no entanto, atinge a todas. Na síntese formulada por Fabiana Carmen Carneiro:

Esta reflexão sobre a própria poesia da infância surge de um reconhecimento envolvendo o valor que a linguagem poética tem na Literatura e nas Artes, legitimando assim a importância da sua extensão em vários meios midiáticos e de diversas formas, que são propostas de trabalho de Arnaldo Antunes. (CARNEIRO, 2011, p. 35)

Os poemas de *As Coisas* destacam o papel da ilustração infantil na concepção de um livro de poesia e, por consequência, torna-o viável ao público infanto-juvenil. É indubitável que os desenhos realizados por uma criança tragam à tona o seu imaginário e revelem a sua visão específica de mundo, ainda incompleta, ainda em formação. Aliadas aos poemas escritos por um adulto, que é, como pontuou Maria da Glória Bordini, a pessoa encarregada de transpor o imaginário infantil na forma literária, as ilustrações infantis de Rosa Moreau Antunes ganham um relevo maior.

O pesquisador Jorge Normando dos Santos Filgueira, a exemplo disso, dedicou um subcapítulo inteiro de sua dissertação sobre a obra arnaldiana à análise das ilustrações de Rosa Moreau Antunes. Portanto, o trabalho de arte visual em *As Coisas* se torna indispensável para a construção e o entendimento do livro como um objeto artístico, a ponto de nos questionarmos se os poemas foram escritos por Antunes a partir da

ao autoritarismo ou à condescendência, cuja força de persuasão é mais forte do que o senso de discriminação de pressupostos e intenções com que são recebidos.” (1986, p. 68).

observação dos desenhos da filha, ou se os desenhos é que foram feitos pela ilustradora mirim após ter conhecimento antecipado dos poemas. Cogita-se, ainda, a possibilidade de um processo de criação em que se misturam ambas a formas, isto é, a simultaneidade na construção prática do texto e das imagens.

Por fim, considera-se que Arnaldo Antunes escreveu um livro que, com leveza e sem pretensões pedagógicas, pode ser lido por crianças e adolescentes que gostam de poesia e arte, e que ainda interessará a outras faixas-etárias. Através de *As Coisas*, o autor e a ilustradora oferecem leituras poéticas e visuais do ilimitado mundo das palavras e dos seus significados e sentidos, ora desconstruindo significados, ora construindo novos sentidos e imagens relacionadas a todas as coisas. Por isso, agrada igualmente ao público adulto mais exigente, que encontra nesses poemas em prosa as qualidades próprias da linguagem infantil, repletos de significados primeiros que levam a (re)descobrir o imaginário da criança, ao mesmo tempo em que demonstra um conhecimento crítico da realidade e proporciona uma reflexão filosófica da vida. Desse modo, constata-se que em 2022, data que marca os trinta anos do livro *As Coisas*, ele se mantém atual, como uma criação cuja interação entre poesia e arte visual foi realizada a quatro mãos, por pai e filha, com poemas e desenhos que (re)colocam em pauta a linguagem infantil sem subestimar a inteligência das crianças, não obstante, como uma publicação de poesia muito estimulante à imaginação adulto-infanto-juvenil.

Referências

ARAÚJO, R. C. Para além das palavras: a ilustração e o livro infantil contemporâneo. *Revista Mosaicum*, ano 5, n. 10, jul-dez. 2009. p. 10-20.

ANTUNES, A. *As Coisas*. Ilustrações: Rosa Moreau Antunes. São Paulo: Iluminuras, 1992.

ARNALDO arranja um novo parceiro: o cantor escreve e o fã desenha, num trabalho radical. Folha de São Paulo, São Paulo, 6. mar. 1988, *Caderno Folhinha*, p. B-8.

BANDEIRA, M. *Berimbau e Outros Poemas*. 2. ed. Seleção: Elias José. Ilustrações: Marie Louise Nery. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

BORDINI, M. da G. *Poesia Infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

BOSI, A. *O Ser e o Tempo da Poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CARNEIRO, F. C. *Há Muitas e Muito Poucas Palavras: a poética de Arnaldo Antunes em As Coisas*. 2011. 147 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

CAMARGO, L. H. *Poesia Infantil e Ilustração: estudo sobre Ou Isto ou Aquilo de Cecília Meireles*. 1998. 214 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1998.

DERDYK, E. *Formas de Pensar o Desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

DERDYK, E. *O Desenho da Figura Humana*. São Paulo: Scipione, 1990.

FILGUEIRA, J. N. dos S. *O Poema e a Canção em As Coisas, de Arnaldo Antunes: imagens da primeiridade*. 2010. 154 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2010.

LOWENFELD, V. *A Criança e Sua Arte*. 2. ed. Introdução e supervisão da edição brasileira: João Carvalhal Ribas. Tradução: Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MEIRELES, C. *Ou Isto ou Aquilo*. 5. ed. Organização: Walmir Ayala. Ilustrações: Beatriz Berman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MORAES, V. de. *A Arca de Noé*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1991.

PAES, J. P. *É Isso Ali: poemas adulto-infanto-juvenis*. 5. ed. Ilustrações: Carlos Brito. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.

PAES, J. P. *Poesia para Crianças: um depoimento*. São Paulo: Giordano, 1996.

TAKAKURA, S. M. *Criação e Criatividade em Gêneros Híbridos: a expressividade na poética de Arnaldo Antunes*. 2019. 269 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.